Boletim Paulista de Geografia

AGB SÃO PAULO DESDE 1934

Dossiê
Geografia e Marxismo

RESENHA

ADORNO, Theodor W. – Introdução à Dialética. Trad. Erick Lima. São Paulo: Ed. Unesp, 2022

Evandro Arruda de Martini

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Vitória, Espírito Santo, Brasil.
eevandroevandro@gmail.com



Boletim Paulista de Geografia

Ano: 2026

N°: 116

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.

Introdução

O livro *Introdução à dialética* é a transcrição de um curso de 20 aulas ministradas por Theodor Adorno em 1958 na Universidade de Frankfurt para um público que, além de estudantes de filosofia, incluía alunos de outros cursos de ciências humanas (Adorno, 2022 [a partir daqui citado como I.D.], p. 112). Tendo em vista o público, Adorno esforçou-se para tornar tão compreensíveis quanto possível seus diálogos com as obras de outros autores que pensaram a dialética, sobretudo Hegel e Marx. Nesta resenha, chamo atenção para dois aspectos do pensamento de Adorno que são relevantes em debates contemporâneos, inclusive na Geografia: (i) a dialética como combate à reificação do pensamento e ao "pensar administrativo", e (ii) o papel do pensamento crítico no combate a uma postura conformista e resignada.

Antes de entrar nesses temas específicos, interessa examinar a apresentação que Adorno faz dos "dois tipos essenciais de dialética que existem hoje" (I.D., p. 237), isto é, dois modos diferentes de se pensar a dialética. Na aula nº 9 são abordadas "a dialética idealista, tal como foi sustentada e minuciosamente construída sobretudo por Hegel [...]; e, de outro lado, a dialética materialista, a qual está, quanto à sua origem, essencialmente ligada ao nome de Marx." (I.D., p. 238).

Adorno entende que a dialética formulada por Hegel sem dúvida seria "o tipo idealista, pois nele se afirma realmente o primado do pensar sobre o ser" (ibid.). Em uma definição "um tanto superficial", a dialética hegeliana seria "realmente uma filosofia do espírito" (I.D., p. 239). Embora seja possível ler a obra de Hegel a partir de um "momento crítico" – e é isso que Adorno faria em seu livro *Três Estudos sobre Hegel* –, o ponto de vista do próprio Hegel privilegiou um "primado do momento afirmativo, reconfortante e, caso queiram, apologético." (I.D., p. 241). Como argumenta Adorno, a razão "sempre comete injustiça contra aquilo que não é idêntico a ela", motivo pelo qual seria necessário desenvolver um pensamento dialético que permita abordar "aquilo que é amputado pelo próprio pensamento", que "foi negligenciado no decurso do próprio processo europeu de progressivo esclarecimento e que foi subjugado pela dominação racional", em suma as "vítimas do processo de esclarecimento" (I.D., p. 149-152).

Na leitura de Adorno, Hegel aparece como representante de uma filosofia que se estabelece como apologética da ordem vigente e, por isso mesmo, reconfortante. Adorno estuda com atenção, nestas aulas, a *Fenomenologia do Espírito*, por entender que esse livro de Hegel "continua sendo o texto mais importante para a introdução à dialética enquanto método" (I.D., p. 98), mas ao mesmo tempo deixa claro que o pensamento dialético precisaria dar passos para além daqueles realizados por Hegel. Na seção final desta resenha, comento o quanto esse objetivo – que recusa qualquer tipo de conformismo, de aceitação resignada do caminho atual do desenvolvimento histórico – já se encontrava em germe nos debates entre Adorno e Benjamin nos anos 1930.

Frente a esse aspecto "reconfortante" do espírito na dialética de Hegel, a "dialética materialista" sustenta a necessidade de se "tornar de fato decisivo o momento da não identidade, da contradição, [...] no sentido de que não afirmemos, sobre o mundo tal como ele é, ou seja, sobre o objeto de conhecimento, uma identidade acabada entre pensar e ser." (I.D. p. 241).

Prossegue Adorno: no pensamento dialético proposto por Marx, o mundo "com o qual a humanidade teve até hoje que lidar é um mundo em si repleto de contradições", de modo que aquela identidade entre pensamento e coisa, "que o conceito especulativo em Hegel afirmava ter assegurado", seria um horizonte futuro, ainda não alcançado, "uma identidade que precisa ser produzida. Em outras palavras, trata-se de reconhecer que a produção de uma efetividade constituída de modo não contraditório é uma questão para a práxis humana, e não um problema simplesmente para a filosofia." (Ibid.).

A reconciliação, que em Hegel seria realizada pelo pensamento, em Marx é um anseio para o futuro, o que acentua a ausência de conciliação e harmonia no presente. Se, por um lado, essa dialética materialista não pode dispensar da práxis necessária para a construção de um mundo melhor, por outro lado não pode dispensar tampouco do pensamento, o que resulta em uma complexa relação que Adorno admite como formulada em termos ainda insuficientes.

> A relação entre teoria e prática na dialética materialista é extraordinariamente complexa e intrincada. Em todo caso, porém, a práxis aqui se faz valer com toda a seriedade, e se não estivéssemos dispostos a incluir o conceito de práxis – em outras palavras, de transformação do mundo pela ação – então o pensamento de que as relações materiais ou de que o meramente existente possam ser em si mesmos dialéticos não poderia sequer ser cogitado. Ainda que essa

> ideia não seja concebida por Marx como meramente contemplativa [...] trata-se certamente para ele de uma teoria. Eis aí uma estrutura complicada. Espero [no futuro] desdobrá-la de modo mais detalhado. (I.D., p. 244).

Nas suas obras tardias, Adorno abordaria novamente essa temática da práxis, mas o problema é complexo e as soluções mais simples seriam provavelmente as mais equivocadas.[1]

Contra a coisificação

Não é trivial resumir as formulações de Adorno sobre dialética. Mas um aspecto de fácil compreensão da problemática, bastante atual ainda hoje, é a comparação entre um tipo de conhecimento científico que opera por meio de definições fixas e dados em planilhas – que convêm à administração burocrática da vida – e o pensamento dialético que buscaria explicitar a violência contida nesse pensar administrativo. "A dialética", resume Adorno na última aula, "é a tentativa de escapar da prisão da lógica, do caráter coercitivo da lógica – no qual, na verdade, o caráter coercitivo da sociedade se reflete" (I.D., p. 509).

Ao explicitar tal paralelo entre o caráter violento tanto da lógica ocidental como da sociedade, Adorno está pondo em prática a "ideia do núcleo temporal da verdade, segundo a qual não existe uma verdade universal, repousando estática em si mesma, tampouco uma verdade acima da sociedade" (I.D., p. 134). Daí se desdobra a crítica ao pensamento coisificado ou reificado. O conceito de reificação é um dos elementos da teoria marxista mais importantes para Adorno: em uma breve recuperação, cabe recordar que, para Marx ([1894] 1988, p. 280), a crítica da economia política deve dissolver a "ossificação" dos elementos sociais da riqueza, "essa reificação das relações de produção" que constitui uma "religião da vida cotidiana", ou seja, uma secularização dos dogmas religiosos aplicados a aspectos das relações econômicas considerados inquestionáveis pelos economistas mais ingênuos. Marx executa, então, uma passagem da crítica da religião para a crítica da vida material permeada pelas relações

[1] Para uma discussão do tema da práxis em Adorno, cf. Amaro Fleck sobre a "tão citada 11ª tese de Marx sobre Feuerbach" que aponta a necessidade de se transformar o mundo e não somente interpretá-lo. Na ausência de possibilidade imediata de uma transformação, seria preciso voltar-se novamente para a interpretação. E não é irrelevante lembrar que, após escrever as Teses sobre Feuerbach, Marx passou "décadas no Museu Britânico para escrever uma obra teórica de Economia Política" (Fleck, 2017, p. 474).

capitalistas. As categorias fundamentais do capitalismo, como trabalho assalariado, lucro e juros, são entendidas como "naturais" enquanto outras seriam "artificiais":

> Os economistas têm procedimentos singulares. Para eles, só existem duas espécies de instituições, as artificiais e as naturais. As instituições do feudalismo são artificiais, as da burguesia são naturais. Eles assemelham-se, nisso, aos teólogos, que também estabelecem dois tipos de religião: a sua é emanação de Deus, as outras são invenções do homem. Dizendo que as relações atuais – as relações da produção burguesa – são naturais, os economistas dão a entender que [...] são leis eternas que devem sempre reger a sociedade. (Marx, [1847] 1985, p. 115, trad. modificada).

Nesse trecho citado, aparece a passagem da crítica ao dogma religioso para a crítica ao dogma econômico. Em ambos os casos, trata-se de formulações que se pretendem definitivas, conformes à natureza divina ou humana e, portanto, sem historicidade. No pensar dialético, pelo contrário,

> [aquilo] que aparece a todo pensar tradicional como absolutamente seguro e firme, a verdade que permanece igual a si mesma, **a-histórica**, fixada, aparece agora, em certa medida, como imagem histórica distorcida, isto é, como expressão de relações petrificadas que pretendem perpetuar a si mesmas, relações cuja natureza consiste justamente em se perpetuarem e que, no fundo, surgiram de uma relação viva com o sujeito. São relações que, conforme o termo decisivo para esta filosofia, estão **coisificadas** [*verdinglicht*]. (I.D., p. 87, grifo meu)

Cabe ressaltar que esse conceito foi traduzido por Erick Lima como "coisificação/coisificado", ao contrário de diversos autores e tradutores lusófonos que têm preferido "reificação". A escolha parece adequada por soar mais simples e direta do que a expressão "reificação", do latim "*res*" (coisa).

> Assim, aquilo que aparece [...] como garantia da verdade, o firme, o inalterável, aparece de antemão à filosofia dialética – e isso vale para ambas as variantes da dialética – como um fenômeno de endurecimento. [Pensar dialeticamente, então, faz parte] da **luta contra a coisificação do mundo**, contra a convencionalização do mundo, em virtude da qual o que foi congelado, o enrijecido, o surgido historicamente, aparece como se fosse algo existente em si mesmo e que seria válido para nós por todos os tempos. (I.D., p. 87, grifo meu).

Como vimos, Adorno considerava que entre pensamento e prática havia uma relação complexa e irredutível a uma palavra de ordem simplificada. Daí resulta a articulação também complexa entre a reflexão teórica e uma "luta" contra certas tendências históricas. Não por acaso, isso tudo se aproxima da história a contrapelo proposta por Walter Benjamin.

Contra o conformismo

Outro aspecto notável da reflexão de Adorno sobre a dialética é a posição firme contra a sensação "reconfortante de segurança" que corresponde às definições fixas (I.D., p. 466), segurança e conformismo em que o pensamento se torna "inflexível como uma coisa [...] de maneira que então sejamos capazes de etiquetá-lo facilmente com uma das visões de mundo [...] que estão hoje, em certa medida, disponíveis para escolha. E é isso que me parece ser o realmente assustador." (I.D. p. 443-444). Os adjetivos utilizados – *coisificado*, *assustador* – correspondem a uma estratégia retórica da ênfase e mesmo do exagero: sem o exagero, afirma ele, o pensamento não atravessa a fachada das "representações arraigadas", contentando-se em ser "reprodução daquilo que já se diz ou já se pensa" (I.D., p. 71).

Não é irrelevante para geógrafos(as) esse entendimento de que a escolha *a priori* de definições fixas a serem aplicadas ao longo de uma pesquisa combina mais com a "apologia daquilo que existe" (I.D., p. 440) do que com a crítica. Nos procedimentos de pesquisa onde não há "outra escolha a não ser decidir por uma ou outra opção previamente estabelecida" (I.D., p. 449), anula-se a tensão crítica em prol do "pensamento tabelador" característico da "era do mundo administrado" (I.D., p. 161).

A postura conformista do pesquisador que simplesmente coloca os dados em um modelo consagrado – seja um modelo numérico, computacional, seja uma "visão de mundo a ser repetida de maneira automática" (I.D., p. 245) – pode significar em termos práticos uma pesquisa menos cansativa: a adesão a um método fixo poupa certas dificuldades. Já a dialética seria um pensamento constantemente crítico a si próprio e cheio de dificuldades metodológicas, mas são as desconfianças colocadas por ela que permitem a possibilidade de se pensar algo diferente do mundo atual.

Para colocar a questão em termos mais próximos dos problemas que podemos encontrar – ou, pelo contrário, jogar para debaixo do tapete – em uma pesquisa acadêmica na Geografia, apresento um exemplo de conformismo com os dados e definições pré-existentes. Na apresentação de uma tese que discutia migrações em um determinado município, o pesquisador explicou que utilizou dados do IBGE e a definição de que as pessoas que viviam em município diferente de onde nasceram eram migrantes. Quando questionado sobre a

possibilidade de um indivíduo, ao longo da vida, migrar entre a zona rural e a urbana de um município, ou entre dois distritos bastante afastados em um mesmo município – e sabemos que no Brasil há municípios com área maior do que a de muitos países – o pesquisador respondeu simplesmente que esses casos não seriam migração dentro do seu método e, além disso, os dados censitários ignoravam esses casos. Em nenhum momento essas perguntas parecem ter sido feitas: se esses casos de migração intra-município eram frequentes, se haveria outro método para quantificá-los, por exemplo entrevistas com as pessoas que, aliás, talvez jamais tenham sido perguntadas se elas se consideravam migrantes ou não.

Nesse caso, voltando aos termos de Adorno, o "pensar meramente ordenador e classificador" se contrasta com um outro pensar, "aquele que se dimensiona pela experiência viva" (I.D., p. 346). Nesse difícil "processo de contínua reflexão sobre a coisa, o próprio pensamento é conduzido, ao fim e ao cabo, para além" da tendência ao pensamento "coisificado" (ibid.). Nenhuma dessas etapas é simples, uma vez que a coisificação do pensamento corresponde não apenas a um engano do observador, mas a uma tendência social, a um aspecto da divisão do trabalho intelectual. E frequentemente

> tudo se passa como se o processo de divisão do trabalho [...] fosse tomado equivocadamente como a determinação da própria coisa. Em suma, cria-se uma situação na qual passamos realmente a acreditar em que esses momentos, oriundos da divisão de trabalho em nosso conhecimento, significariam o mesmo que determinações da própria coisa a ser conhecida. (I.D., p. 355).

Tentar pensar em termos dialéticos, então, seria buscar evitar os tipos de metodologia "a ser repetida" (I.D., p. 245) e esforçar-se permanentemente para colocar em movimento um pensamento que a todo momento tenderia novamente a ser "coisificado, solidificado, enrijecido" (I.D., p. 171), por serem essas as condições da sociedade em que vivemos. É, também, evitar o conformismo, e aqui se trata de uma formulação característica de Walter Benjamin. Nas Teses de Benjamin sobre o conceito de História, bem como em outras obras dos últimos anos de vida do filósofo amigo de Adorno e falecido em 1940, uma das tarefas mais urgentes para o pensamento crítico seria evitar o conformismo que ameaça subjugá-lo

(Benjamin, [1940] 2005, p. 65)[2]. A *Correspondência* entre Adorno e Benjamin (2012)[3], também publicada pela Ed. Unesp, mostra os frutíferos diálogos entre esses dois autores, ao contrário da concepção do gênio isolado que pensa sozinho. Em certa medida, o legado de Benjamin também se faz presente nessas aulas sobre dialética ministradas por Adorno.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Introdução à Dialética**. Trad. Erick Lima. São Paulo: Ed. Unesp, 2022 [1958].

ADORNO, T. W. e BENJAMIN, Walter. **Correspondência: 1928-1940**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

BENJAMIN, Walter. Teses Sobre o Conceito de História [1940]. In: LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. São Paulo: Boitempo, 2005.

FLECK, Amaro. Resignação? Práxis e política na teoria crítica tardia de Theodor W. Adorno. **Kriterion**, Belo Horizonte, n° 138, 2017, p. 467-490.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Global, 1985 [1847].

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro III, Tomo 2. São Paulo: Nova Cultural, 1988 [1894].

[2] Em carta a Horkheimer de 12/6/1941 citada por M. Löwy, logo após ler as Teses de Benjamin, Adorno escreve: "nenhum outro trabalho de Benjamin é tão próximo de nossas intenções".

[3] Sobre a relação entre reificação, memória e progresso histórico, conferir a carta de Benjamin de 7/5/1940.

Como citar esta resenha:

MARTINI, Evandro Arruda de. Resenha: Adorno – Introdução à Dialética. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 116, p. 762–770, 2026. DOI: https://doi.org/10.61636/t78fbe39

Recebido em 07 de dezembro de 2025

Aceito em 18 de abril de 2026

Sobre o autor: Mestre em Geografia pela UFES, estuda a modernização do Espírito Santo nos séculos XIX a XXI enquanto dialética do esclarecimento. Também tem como temas de interesse: populações tradicionais; crise(s) do capitalismo contemporâneo.

Editoração:

Thell Rodrigues

Igor Carlos Feitosa Alencar